

## [zoom]

MARIONET 2009

Coincidindo com a efeméride do Ano Internacional da Astronomia que se assinala em 2009, ano em que se cumprem 400 anos sobre a primeira vez que Galileu apontou uma luneta para o céu, sentimo-nos motivados a criar um objecto artístico que, partindo daquela disciplina científica, reflectisse sobre o conhecimento que temos do mundo e de nós próprios.

Os telescópios apontados para as galáxias distantes, sejam aqueles que podemos ter na nossa varanda, sejam os que, como o Hubble, colocámos no espaço, recolhem informação do passado do universo. A ténue luz azul que nos chega de galáxias a milhões de anos-luz do nosso planeta mostra-nos essas galáxias tal como eram há milhões de anos atrás. Quanto mais longe conseguimos alcançar usando os nossos olhos tecnológicos, mais recuamos no tempo e nos aproximamos do momento em que a Ciência estima que o universo começou a sua expansão, há 13700 milhões de anos atrás.

Olhar para o céu através de um telescópio é, por isso, utilizar uma máquina do tempo que nos permite ver o passado do universo. Muitas das questões que se colocam à Ciência, nomeadamente aquelas que se prendem com a origem de tudo - do Homem, da vida, da matéria, da luz - estão relacionadas com acontecimentos passados há milhares de milhões de anos onde algumas teorias científicas consideram ter existido uma inimaginável explosão a partir da qual o universo terá começado a sua expansão, o "big bang". As máquinas do tempo que são os telescópios constituem o nosso ponto de ligação a esse passado longínquo e as ferramentas que nos permitirão, eventualmente, obter as respostas que ansiamos.

Partindo da relação de distância entre observador e observado existente na Astronomia, procurámos reproduzir num espectáculo essa relação "à distância" entre nós e o universo. Surgiu assim, em 2008, o espectáculo *Olhar O Longe . Olhar O Antes* (OOLOOA), que decorria simultaneamente em dois locais distantes, o terraço da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra e o centro da ponte pedonal sobre o rio Mondego. O público assistiu ao espectáculo no tabuleiro da ponte e a ligação à acção a decorrer no terraço da biblioteca era concretizada por vários telescópios apontados para esse local.

[zoom] é uma ampliação de *OOLOOA*. Como consequência do trabalho artístico desenvolvido naquele projecto temos a intenção de aproximar as pessoas da acção

que ali decorria à distância. Se tivermos em atenção as considerações traçadas acima sobre o recuar no tempo através da observação astronómica de corpos a distâncias muito grandes, [zoom] é também uma viagem para trás no tempo. Se em *OOLOOA*, a propósito da Astronomia, levantámos a questão do desfasamento de tempo provocado pela distância, pelo espaço, em [zoom] vamos mais longe e ultrapassamos esse espaço, damos um para trás no tempo – como num “wormhole”.

Não será isso que no íntimo, de uma forma ou de outra, desejamos? Que o tempo ande para trás?

O ponto de partida para este espectáculo foi diferente do que tem sido habitual nas nossas produções. [zoom] já tinha um passado, é um espectáculo com memória. Durante o processo de criação e apresentação de *OOLOOA* fomos recolhendo e criando materiais sonoros e imagéticos que, juntamente com a impressão deixada no e pelo público, funcionaram como passado de [zoom]. Há duas ideias fortes sublinhadas nesta criação com memória: a de olhar para trás no tempo quando observamos corpos a grandes distâncias; e a volatilidade do tempo na memória, levando por vezes à sobreposição entre passado e presente.

Adicionalmente, ao apresentarmos [zoom] como espectáculo para uma sala, após o espaço aberto e de relacionamento com o espaço urbano que caracterizava a sua memória, percorremos o estreito cume entre a realidade e a sua representação.

O conteúdo temático de [zoom] retoma e desenvolve o desdobramento conceptual e narrativo explorado no processo de construção de *OOLOOA*, incidindo na improvisação sobre o mito de Perseu numa das variantes que nos chegou da Antiguidade Grega, sobre as constelações associadas ao mito, e sobre alguns conceitos fundamentais do universo como o tempo, a luz, o infinito. Naquele outro trabalho criou-se uma constelação artística que foi apresentada durante um mês num local inacessível para o público, como se fora uma constelação a milhares de milhões de anos-luz. Agora fazemos [zoom] sobre essa constelação, recuamos no tempo ao trazê-la para o presente.

Em *OOLOOA* contámos a história do espectáculo de uma forma mais próxima dos métodos utilizados pela Ciência: o texto estava estruturado como um artigo científico; a interacção mais próxima do público realizava-se sob a forma de conferência; durante a apresentação era realizada uma experiência pseudo-científica com a participação do público. Em [zoom] a perspectiva sobre o tema

base do espectáculo, Astronomia, está mais próxima de uma visão artística sobre os astros, sobre as leis universais que os guiam e sobre a nossa relação com eles.

Naquele primeiro projecto criámos uma separação física entre a Ciência e a Arte, um hiato com cerca de 700 metros, e colocámos o público mais próximo da perspectiva do conhecimento científico do universo. Agora com [zoom] aproximamo-lo da perspectiva artística, colocamo-lo do outro lado deste intervalo. Com o conjunto destes dois espectáculos estamos a corporizar e reflectir sobre as diferentes visões do universo entre Arte e Ciência, em última análise, sobre as diferenças entre Arte e Ciência.